

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

FORMULÁRIO-SÍNTESE DA PROPOSTA - SIPES
EDITAL EDITAL UEMS Nº 004/2018 –PROPP/UEMS PROJETOS DE PESQUISA SEM
RECURSO FLUXO CONTÍNUO

Uso exclusivo da Pró-Reitoria de Pesquisa

PROCESSO Nº:

SIPES Nº: 294878.1602.194585.15082018

1. Introdução

1.1 Identificação da Proposta

Título:	Arte, educação, infância e cinema: em busca de uma experiência estética plena do saber sensível
Coordenador:	Keyla Andrea Santiago Oliveira / Docente
Tipo da Proposta:	Projeto Institucional
Edital:	EDITAL UEMS Nº 004/2018 –PROPP/UEMS PROJETOS DE PESQUISA S
Instituição:	UEMS - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Unidade Geral:	Campo Grande - Unidade Universitária de Campo Grande
Unidade de Origem:	Artes Cênicas e Dança - Coordenação do Curso de Artes Cênicas e Dança
Início Previsto:	02/09/2018
Término Previsto:	29/11/2021
Possui Recurso Financeiro:	Não

1.2 Detalhes da Proposta

Natureza do Projeto:	Aplicada
Área de Conhecimento:	Linguística, Letras e Artes » Artes » Cinema » Interpretação Cinematográfica
Grupo de Pesquisa no CNPq:	APE-IPE Aliança de Pesquisa e Extensão Interdisciplinar em Percursos Criativos e Estéticas Cênicas
Linha de Pesquisa:	Percursos Pedagógicos e Criativos
Parecer do Comitê de Ética:	Não
Local de Realização:	

1.3 Parcerias

Não há Instituição Parceira.

1.4 Descrição da Proposta

Resumo da Proposta:

Percebe-se, no contato com as escolas, que estamos às voltas com os ditames da indústria cultural como única provedora de uma pedagogia da imagem, do corpo e da música, e a instituição educativa precisa fazer frente a essas questões, preenchendo lacunas especialmente criadas a partir de discursos aparentemente belos e harmônicos e experiências de sensibilização. No desenho desse contexto, faz-se necessário pensar projetos de pesquisa que investiguem as interfaces entre as linguagens da arte e que tipo de concepções tem permeado as ações dos docentes (pedagogos e docentes artistas) nas instituições de Educação Básica no que se refere à experiência estética e o saber sensível. Este projeto dedica-se a essa investigação, tentando compreender como tem se dado a experiência estética e a vivência do saber sensível no que diz respeito à arte, à educação, à infância e ao cinema em algumas instituições educativas de Campo Grande, tendo por base três linhas de ação: reflexões teóricas, pesquisas empíricas e construção de propostas didático-estéticas.

Palavras-Chave:

Arte Educação, Infância, Cinema, Saber Sensível, Experiência Estética.

Informações Relevantes para Avaliação da Proposta:

Este projeto foi gestado dando continuidade às pesquisas que a autora tem feito desde o Mestrado (dissertação) e o Doutorado (tese), e os artigos, livros e capítulos de livro que têm produzido. As questões dessas produções abordam um tripé, a saber, Arte, Infância e Educação, que desmembrado alcança uma rede de categorias e áreas. Para citar algumas, podemos enumerar: a concepção de infância, de criança, o ensino de arte, história da arte, cultura, indústria cultural, crítica, dialética negativa, sacralização da arte e do artista, as quatro linguagens da arte na escola, beleza gótica, a experiência estética, pseudoformação, escola, emancipação, autonomia, resistência, leitura de imagens, análise fílmica, entre outros.

Está ligado a ações de extensão, especificamente, ao projeto de extensão CINE CLUBE UEMS, cuja proposta gira em torno da “exibição e discussão de filmes que, escolhidos de acordo com a faixa etária dos grupos sociais envolvidos, possam estimular a reflexão sobre temas sociais relevantes, bem como a compreensão da linguagem cinematográfica em suas potencialidades de significação e elaboração artística. Assim, serão elencados filmes brasileiros, latino-americanos, europeus, asiáticos, entre outros, que tratem de temas sociais em profundidade, expressando um contraponto às produções massificadas da indústria cultural e dialogando com outras artes e teorias no campo das humanidades”.

Possui conexões com a disciplina Didática do Ensino da Arte, e com os componentes curriculares de Estágio Curricular Supervisionado I e II, ministrados pela proponente deste projeto de pesquisa no Curso de Artes Cênicas da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

1.4.1 Justificativa

Como professora de Estágio Curricular Supervisionado do Curso de Artes Cênicas da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul tenho estado em muitas escolas na cidade de Campo Grande, públicas e privadas, acompanhando meus alunos em observações participativas e ações docentes (regências), na Educação Infantil, Anos Iniciais e Finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio, em instituições públicas e privadas. Há uma iniciativa de alguns professores de Arte de realizarem um trabalho reflexivo na área, pensando projetos e a Arte como conhecimento, campo de especificidades e de debates, de lutas em busca de formação, mas, infelizmente, em sua maioria, as escolas ainda têm se baseado numa visão da Arte como decoração, desenho livre, “musiquinhas na hora do lanche”, “dancinhas”, “teatrinhos” de fim de

ano ou para as datas comemorativas, “filminhos para acalmar as crianças”.

A Arte ainda tem precisado, em pleno século XXI, lutar por espaço que há muito outras áreas como Matemática, Linguagem Oral e escrita (Português), Conhecimento de Mundo (Ciências), entre outras, têm garantido e consolidado, ou seja, a história das tendências pedagógicas no ensino de artes parece presa num ciclo medonho de repetições que não tem rompido com visões arcaicas acerca do que seria propiciar aos alunos a experiência estética em sua potência, do que seria a sensibilização para as quatro linguagens. Não são desconhecidas as perspectivas mais contemporâneas do ensino de arte e os avanços em termos de pesquisa que existem, sem falar nos tão propagados momentos conceituais da Proposta Triangular de Ana Mae Barbosa (contextualização, fazer artístico e leitura de obras de arte), pesquisadora cujo arcabouço teórico inclusive está contemplado nos documentos nacionais oficiais (Referenciais, Diretrizes e Parâmetros, BNCC) mais importantes das três etapas de ensino da educação básica, que alimentam os Referenciais Estaduais e Municipais e deveriam alimentar os Projetos Políticos Pedagógicos das Escolas.

Percebe-se, além disso, no contato com as escolas, que estamos às voltas com os ditames da indústria cultural como única provedora de uma pedagogia da imagem, do corpo e da música, e a instituição educativa precisa fazer frente a essas questões, preenchendo lacunas especialmente criadas a partir de discursos aparentemente belos e harmônicos e experiências de sensibilização que, na ânsia de romperem com a tão anunciada “reprodução em massa”, apenas a reforçam, pois no papel enumeram-se objetivos, conteúdos e metodologias maravilhosos, uma intencionalidade recheada de aspectos formativos e nas aulas percebemos o uso de recursos e mercadorias culturais carregando ideologias, contaminando a dinâmica social, inculcando ideias de ordem e o deslocamento do intuito educativo formador da experiência estética para a produção em série de indivíduos não críticos, sem autonomia, conformados (alunos e professores) ao status quo e motivados pelo lucro. Vê-se esboçada uma teoria bastante aprazível ao olhar, que, ao longo do texto, prima por enfatizar um cotidiano de situações agradáveis e estimulantes, que tampouco delimitam precisamente o cunho formativo da experiência estética anunciada, quando ela é mencionada.

No desenho desse contexto, faz-se necessário pensar projetos de pesquisa que investiguem as interfaces entre as linguagens da arte e que tipo de concepções tem permeado as ações dos docentes (pedagogos e docentes artistas) nas instituições de Educação Básica no que se refere à experiência estética e o saber sensível. Apesar de o foco maior de nossa investigação se voltar para a infância, teremos material de análise acerca da prática docente voltada para a juventude e adolescência.

1.4.2 Fundamentação Teórica

A pesquisa acerca da experiência estética e do saber sensível será feita neste projeto na perspectiva da Teoria Crítica, de alguns estudiosos da Escola Frankfurt, especialmente Adorno, mas também Benjamin (1994), Marcuse (1967) e de alguns pensadores contemporâneos que se dedicam a entender a organização da sociedade capitalista numa preocupação com a cultura, com a supremacia do conhecimento científico, com a necessidade da crítica e da constituição de mecanismos de resistência e emancipação sem cair nos idealismos e ao mesmo tempo sem perder de vista a utopia, como Entel (2010 e 2008), Duarte (2007), Tiburi (1995), entre outros. Uma vez que é preciso delimitar o contexto da discussão a que nos referimos e que exige direcionamento específico do entendimento de algumas categorias que fatalmente surgirão, tais como indústria cultural, barbárie, formação, emancipação, racionalidade administrada, é preciso esclarecer que o que se busca, na verdade, é a discussão de uma constelação de aspectos relacionados à arte, à educação, à infância e ao cinema, na convicção de que uma experiência estética plena de saber sensível consiga enredar esses campos de maneira dialética, mais precisamente, de maneira dialética-negativa.

Alguns teóricos do cinema também serão convocados para a pesquisa, na medida em que desnudam essa linguagem da Arte com elementos críticos que nos ajudam a pensar o papel do espectador, as aproximações e distanciamentos no que tange às relações entre cinema e teatro, propõem reflexões sobre as crianças e o cinema, como utilizar um filme em sala de aula e abordam a própria análise fílmica de um ponto de vista que foge de aspectos ingênuos e comprometidos com uma forma crítica de pensar, ajudando a construir uma visão mais enriquecedora para a educação e para a docência. São eles, Xavier (2005), Rancière (2012), Bazin (1991), Vanoye e Goliot Létty (1994) e Truffaut (2005).

Imbricar esses pensamentos na busca da melhor constituição da experiência estética e do saber sensível de que falamos está no horizonte dessa pesquisa, que já tem configurado alguns ensaios que procuram entender cotidianamente o gesto infantil que imita pobremente o adulto na sociedade e na escola, que perde de vista com os produtos da indústria cultural a possibilidade de exercitar uma sensibilidade encarnada de história, de conhecimento, do entendimento do caráter real dos acontecimentos sociais por meio da arte e já na infância.

A criança que perde a oportunidade de vivenciar a experiência estética em toda sua potência, aquela de que Adorno fala, carregada de resistência, mimese e autonomia, é presa fácil no caminho da pseudoformação, na senda da construção e naturalização de preconceitos e da instalação do ódio, da barbárie e da ignorância, entre outros; dificilmente torna-se crítica das mercadorias da indústria cultural e adere facilmente aos discurso pedagógico fácil que repete jargões, modismos, por não ter exercitado desde a primeira infância a fagulha do questionamento, do interesse em filtrar informações que nos bombardeiam todos os dias, especialmente por meios midiáticos.

Se falamos de uma aula de arte, a questão da mimese ganha ainda mais peso, já que a experiência estética possível em seu processo é prenhe de elementos que trazem à tona o entendimento da arte como forma de conhecimento, um conhecimento sensível que nos leva aos mares turbulentos da reflexão filosófica. A turbulência realçada evoca o refúgio na arte que propicia a pergunta, que diferencia, que auxilia a ver o outro em suas idiosincrasias, no fortalecimento do próprio eu. Uma arte que não foge, também, de suas contradições, que se encontra num contexto de mercado, que abarca o feio, o trágico, a dureza, não apenas a poesia e o inefável.

Coloca-se, nesta perspectiva, a dialética negativa entre o inteligível e o sensível, que o contato com a arte faz emergir na sobrevivência da mimese. Nem a recaída na magia, nem o peso do palavreado que tende à dominação da técnica. A oportunidade que se apresenta no momento em que as crianças são o foco da discussão pede a retomada das atitudes sociais a que a infância tem tido acesso enquanto vítima do comportamento midiático e reforçado na família.

Para Adorno (2008, p.33), como antítese social da sociedade, da arte se retira o simples deleite, a felicidade no contato com as obras se dá numa dimensão contingencial, há um deslocamento do ato de apreciação para o de conhecer, e citando Hegel, ao falar da relação acidental constitutiva que se estabelece com a obra, o autor explicita que o objeto estético “exige da parte do contemplador um conhecimento e mesmo um conhecimento justo: exige que penetre na sua verdade e na sua não-verdade”. Em outras palavras, a qualidade da obra de arte, a sua verdade, está na obra em si, o que revela ainda nela a potência da interpretação em sua materialidade. O conteúdo aí não se identifica com a razão do pensamento discursivo, nega a ideia absoluta no jogo imanente que o permite sobreviver ao sentido da mensagem.

Aposta-se, portanto, numa experiência estética plena de saber sensível, que gera um modo de operar articulador de aspectos comumente percebidos como incompatíveis e, por conseguinte, apreendidos e vivenciados de forma dissociadora. O termo “saber sensível” busca integrar, em sua própria estrutura gráfica, o sensível e o inteligível, além de outras tantas dicotomias que vêm cristalizando visões fragmentárias nos processos de pensar e fazer humanos. Dessa feita, configura-se como um saber promotor da articulação crítica entre cognição e emoção, razão e imaginação, intelecto e sensibilidade, bem como da associação de outras unidades dialéticas como teoria e prática, técnica e reflexão, trabalho e prazer, produção e contemplação (AQUINO, 2016, p. 110).

É um saber problematizador, muitas vezes esquecido no chão da escola em função de tendências pedagógicas mais voltadas para a conformação, que “destrói a tensão entre os polos, busca a totalidade, a cultura unitária e massificada, com que facilmente os indivíduos se identificam e se indiferenciam” (OLIVEIRA, 2014, p. 46).

Aprofundar alguns aspectos da mimese supracitada, na perspectiva da experiência estética abordada por Adorno, é também um dos objetivos desse projeto de pesquisa, ao lado do entendimento acerca do saber sensível, na medida em que autores como Tiburi (1995) delineiam que a mimese em Adorno não é imitação, é a inversão deste caráter da mímesis platônica. Ela diz muito mais respeito à concepção de arte do Ion. Ela sim é o regresso do irracional, do não-conceitual, que pode ser encontrado no Ion a partir de uma visão secularizada. Adorno fala de um conteúdo metafísico da arte, o qual seria o próprio

conteúdo de verdade da obra que não pode ser fabricado pelo homem (TIBURI, 1995, p. 101).

A investigação sobre a mimese fatalmente recairá sobre os demais elementos da experiência estética, a resistência e a autonomia, que merecem ainda verticalização dentro dos campos de força que compõem a constelação desse campo maior, que se estende às quatro linguagens artísticas, e também ao cinema, um braço das artes visuais e que merecerá especial atenção da pesquisa.

Na esteira de um pensamento denominado videológico, também advertidos por Entel (2010, p 07), reconhecemos a existência de uma visão que queremos também evitar neste projeto, a que associa toda imagem àquela provida pelos meios visuais e que tende a uma “omissão de imagens outras, não só dos circuitos midiáticos alternativos, senão os excelentes materiais que estão presentes na circulação geral de imagens, incluídas as comerciais”. Neste sentido, também é imprescindível entender que a indústria cultural está em um patamar que extrapola uma ideia simplista de que tudo que ela veicula é ruim em termos de qualidade. O que é bem desenhado, pintado, fotografado, filmado, enfim, produzido, também é comprado e vendido; a astúcia está justamente aí.

Duarte (2007, p. 131) adverte que “constata-se na obra de Adorno também a presença de textos contendo avaliações sobre o cinema que apresentam certa diferenciação para com sua habitual posição desfavorável a esse meio”. Para além da produção hollywoodiana, para a qual direcionou intensamente sua crítica, ao longo de sua presença nos Estados Unidos por ocasião de seu exílio, Adorno aventou a possibilidade de um cinema emancipado. Pensar a partir dessa premissa é uma das apostas desse projeto, que contempla ademais o parágrafo 8, acrescido ao art. 26 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para obrigar a exibição de filmes de produção nacional nas escolas de educação básica. A proposta pedagógica das escolas precisa necessariamente abarcar a exibição de filmes nacionais como componente curricular complementar, o que deve ser feito com no mínimo 2 horas mensais planejadas. Como isso pode ser pensado e realizado na educação básica? Como tem sido feito?

Para Napolitano (2005), há muitos usos inadequados do cinema e do vídeo em sala de aula, o autor enumera alguns, como quando há problemas inesperados e se lida com a ausência do professor regente, preenchendo-se a lacuna com um filme, ou quando se exhibe um vídeo sem relação com a disciplina, e mesmo o uso exagerado do vídeo, que diminui sua eficácia e gera o contrário do que se quer, o empobrecimento das discussões e da aula, por consequência, e ainda, projeções de filmes sem discussão, ou a procura do vídeo perfeito, como se as questões expostas por eles não pudessem ser problematizadas e refletidas.

Todas essas ações se acumulam dentro de uma visão descabida do cinema enquanto arte, fenômeno capaz de estimular a experiência estética, a produção de conhecimento, a interpretação de obras, a reflexão e alargamento de repertório e da capacidade crítica dos alunos. Ao lado delas, o autor propõe algumas utilizações de vídeo relacionadas com um planejamento que procura instigar pesquisas, inclusive dentro de diferentes disciplinas para ilustração, para produção dos alunos em documentação, registro, como suporte de outras mídias, entre outros; interessa-nos realçar a proposta de sensibilização: “do meu ponto de vista, o uso mais importante na escola” (p. 34).

No cerne da ideia de sensibilidade e dialogando com o contexto da experiência estética em torno de vivências com a arte e suas manifestações está a figura do espectador. Com Rancière (2012), tem-se o entendimento de uma perspectiva de emancipação desse espectador quando fala das artes presenciais e da cena. Ela nos serve aqui, na medida em que rompe com uma noção que fragmenta a priori o lugar do artista e daquele que aprecia, para quem se direciona a obra. Com o autor é possível compreender que primeiro devemos nos despir de uma tendência que se repete tanto na teoria e na prática da arte e nos demais campos (o da educação, por exemplo): aquela que persiste em diferenciar a posição entre quem propõe um tema e quem se põe a assisti-lo, a discuti-lo, a entendê-lo. Isso poderia também se traduzir nas figuras daquele que ensina e daquele que aprende. Em suma, o aprofundamento de distâncias é o que se questiona aqui, uma vez que aquele que ensina ou o artista que encena está no mesmo patamar de inteligência daquele que aprende ou daquele que se posiciona enquanto espectador.

Isso significa, em outras palavras, que se trata de indivíduos com capacidades iguais, não havendo verdadeiramente oposições entre olhar e agir, já que uma ação implica a outra, necessariamente. Desde o momento que se questione que o mestre faz o aprendiz aprender ou que o espectador deve ver o que o

artista ou diretor pretendem que ele veja, entramos na seara da premissa do autor: o espectador emancipado não é passivo,

o poder comum aos espectadores não decorre de sua qualidade de membros de um corpo coletivo ou de alguma forma específica de interatividade. É o poder que cada um tem de traduzir à sua maneira o que percebe, de relacionar isso com a aventura intelectual singular que o torna semelhante a qualquer outro, à medida que essa aventura não se assemelha a nenhuma outra (RANCIÈRE, 2012, p. 20).

Muitas correntes teatrais, artísticas ou mesmo educativas incorrem ou incorreram nesse erro ou arrogância, julgando que o outro, aquele a quem se destina seu trabalho deve ser convertido a uma atividade e que há um privilégio desse lugar de proposição de ensino ou de uma obra. Para o autor, “Todo espectador é já autor de sua história; todo ator, todo homem de ação, espectador da mesma história” (p. 21). A troca de papéis é constante, e é preciso construir a aceção de que as fronteiras se embaralham entre os que agem e os que olham, insistir nas separações é uma forma de embrutecimento, segundo Rancière, é negar o urdimento de uma comunidade emancipada de tradutores e narradores, que é ou deveria ser a realidade de todos nós.

1.4.3 Objetivos

Geral

- Compreender como tem se dado a experiência estética e a vivência do saber sensível no que diz respeito à arte, à educação, à infância e ao cinema em algumas instituições educativas de Campo Grande, tendo por base três linhas de ação: reflexões teóricas, pesquisas empíricas e construção de propostas didático-estéticas.

Específicos

- Refletir sobre os construtos teóricos de autores que pensam o saber sensível e a experiência estética e contribuam para a análise de problemáticas envolvendo a arte, a educação, a infância e o cinema em escolas de Educação Básica;
- Analisar as relações entre sociedade, cultura e educação a partir das quatro linguagens da arte, incluído aí o cinema, na escola;
- Investigar empiricamente se as práticas metodológicas dos professores de arte da educação básica de algumas escolas de Campo Grande envolvem concepções de experiência estética e de saber sensível;
- Construir propostas didático-estéticas juntos aos professores das escolas e alunos da universidade;
- Produzir artigos e relatos de experiência a partir das temáticas suscitadas no projeto.

1.4.4 Metodologia e Avaliação

Para alcançar os objetivos propostos, esta pesquisa será desenvolvida a partir de um percurso metodológico com três linhas de ação: primeiramente, haverá reflexões para situar teoricamente o debate em torno das relações entre arte, educação, a infância e o cinema, e também aprofundar as concepções de experiência estética e de saber sensível. Em seguida, serão feitas investigações empíricas sobre as práticas metodológicas dos professores de arte da educação básica de algumas escolas de Campo Grande por meio de ações empreendidas das disciplinas de responsabilidade da proponente do projeto. Em seguida, passaremos à construção de propostas didático-estéticas junto aos professores das escolas e alunos da universidade. Pode-se visualizar as seguintes fases de maneira mais detalhada:

1. Reflexões teóricas empenhadas em analisar elementos epistemológicos da experiência estética e do saber sensível envolvidos na relação entre arte, infância, cinema e educação, por meio de:

1.1. Levantamento bibliográfico acerca do tema a partir de materiais já elaborados e disponíveis na forma de livros, artigos, periódicos, teses, dissertações, documentos legais, dentre outros;

1.2. Estudo e análise da bibliografia para reflexão e aprofundamento do tema, mediante o confronto de ideias e informações, objetivando um diálogo reflexivo com o fenômeno em estudo.

2. Pesquisas empíricas voltadas ao exame de práticas didático-estéticas em aulas de arte em turmas de educação infantil, ensino fundamental e ensino médio nas escolas de Campo Grande através de:

2.1. Inserções em campo empenhadas em buscar dados relevantes por intermédio de observações

participantes (diário de bordo) e intervenções pedagógicas, registradas sob a forma de gravações sonoras, filmagens e fotografias, como também uso de instrumentos de coletas de dados como questionários e entrevistas;

2.2. Seleção, classificação, organização e análise das informações coletadas empiricamente.

3. Construção de propostas didático-estéticas voltadas aos diversos níveis, etapas e modalidades da educação básica.

No decorrer dessas frentes de trabalho, espera-se divulgar a pesquisa em eventos regionais, nacionais e internacionais para fomentar sua permanente (re)elaboração crítica.

Na Disciplina de Didática

Na universidade os alunos serão orientados a agendar uma visita a uma instituição educacional pública, privada ou conveniada para coleta de dados com um professor de arte em seu contexto de trabalho e conhecer o espaço físico da escola. Nesse agendamento será necessária a autorização da instituição do uso de imagem do espaço físico.

Com base nos estudos realizados na disciplina de Didática do ensino da Arte, os alunos se organizarão em duplas ou trios e irão juntos para coletar dados a partir uma entrevista com o professor, tendo como referência o roteiro semi-estruturado abaixo.

Além da entrevista, os alunos vão tirar fotografias do espaço dedicado às artes na escola, de alguma atividade desenvolvida em sala, além de observar questões relevantes que se evidenciarem no momento da captação das imagens. As questões básicas para a entrevista são:

- 1 – Qual a sua formação acadêmica (do professor/a da sala que você visitou)?
- 2 – Há quanto tempo atua na Educação Infantil – Ensino Fundamental – Ensino Médio?
- 3 – O que é experiência estética?
- 4 – Como definiria saber sensível?
- 5 – Você conhece a Proposta Triangular de Ana Mae Barbosa? E o objetivo de compreender as Artes como construção social e cultural? Pode falar sobre isso?
- 6 – Você utiliza no planejamento os três momentos conceituais da Proposta Triangular nas aulas? E o objetivo de compreender as Artes como construção social e cultural? Se não, qual metodologia segue em suas aulas?
- 7 – Existe um espaço na instituição dedicado às experiências artísticas e estéticas? Como ele é?
- 8 – Há na rotina da escola o uso de filmes, vídeos? Você os utiliza? Por quê? Quais exemplos pode citar de filmes utilizados? Há uma intencionalidade estético-pedagógica (objetivo) com a atividade? Qual?
- 9 – O que dizer da música, da dança e do teatro? São linguagens contempladas no seu planejamento e nas suas ações? Há uma intencionalidade estético-pedagógica?

Após a entrevista (que pode ser gravada para depois ser transcrita), o grupo pedirá para conhecer e fotografar (na posição paisagem) o espaço físico da instituição. Os alunos deverão percorrer a instituição para perceber e registrar o que o espaço físico revela sobre o espaço dedicado às artes naquela instituição. Há sala de dança? De teatro? De artes visuais (ateliê)? De música? Há espaço específico para projeção de filmes?

O olhar também deve estar voltado para as concepções de experiência estética e saber sensível que o espaço revela (organização do espaço, presença/ausência de obras, cartazes com anúncio de eventos relacionados às artes, fotografias registrando eventos feitos na escola relacionados às artes, acessibilidade dos materiais, criações das crianças..)

De posse de todo o material, a entrevista deverá ser transcrita e será construída uma reflexão escrita acerca dos dados coletados, que será entregue, valendo nota 4,0. Ela deverá ser ilustrada com as fotos retiradas e seguirá o seguinte roteiro:

- 1) Como a instituição tem trabalhado com a experiência estética e o saber sensível, na sua opinião?
- 2) Você percebeu os três momentos conceituais da Proposta Triangular nas aulas do professor? E o

objetivo de compreender as Artes como construção social e cultural?

3) Existe um espaço na instituição dedicado às experiências artísticas e estéticas? Como ele é?

4) Você percebeu na rotina da escola o uso de filmes, vídeos? Quais? Há uma intencionalidade estético-pedagógica com a atividade?

5) O que dizer da música, da dança e do teatro? São linguagens contempladas no planejamento e nas ações? Há uma intencionalidade estético-pedagógica?

No Estágio como componente curricular – diário de bordo (registro)

• Em seu diário de bordo, procure registrar, durante as observações nas escolas, suas impressões seguindo o roteiro a seguir:

1 – Qual a formação acadêmica do professor/a, seu supervisor/a de campo?

2 – Há quanto tempo atua na Educação Infantil – Ensino Fundamental – Ensino Médio?

3 – Como a instituição tem trabalhado com a experiência estética e o saber sensível, na sua opinião?

4 – Para o professor/a o que é experiência estética?

5 – Como ele/ela define saber sensível?

6 – Você percebe os três momentos conceituais da Proposta Triangular no planejamento do supervisor? E o objetivo de compreender as Artes como construção social e cultural?

6 – Você percebe os três momentos conceituais da Proposta Triangular nas aulas do supervisor? E o objetivo de compreender as Artes como construção social e cultural?

7 – Existe um espaço na instituição dedicado às experiências artísticas e estéticas? Como ele é?

8 – Você percebe na rotina da escola o uso de filmes, vídeos? Quais? Há uma intencionalidade estético-pedagógica com a atividade?

9 – O que dizer da música, da dança e do teatro? São linguagens contempladas no planejamento e nas ações? Há uma intencionalidade estético-pedagógica?

1.4.5 Referências Bibliográficas

ADORNO, T. W. Teoria estética. Traduzido por Artur Mourão 2ª ed. Lisboa: Edições 70, título original de 1970.

_____. Educação e emancipação. Traduzido por Wolfgang Leo Maar. 7ª impressão. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

_____. Mínima Moralidade: reflexões a partir da vida lesada. Traduzido por Gabriel Cohn. Rio de Janeiro: Beco do Azougue Editora, 2008.

_____. Dialética negativa. Tradução de Marco Antônio Casanova. Revisão técnica de Eduardo Soares Neves Silva. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

ADORNO, T.W; HORKHEIMER, M. Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos. Trad. de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

AQUINO, T. L. Epistemologia da educação musical escolar: um estudo sobre os saberes musicais nas escolas de educação básica brasileiras. 2016. 225 p. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro/RJ, 2000.

BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas: Magia e técnica, arte e política. Brasiliense: São Paulo, 1994.

DUARTE, Rodrigo. Teoria Crítica da Indústria Cultural. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

ENTEL, Alicia. Dialética de lo Sensible: Imágenes entre Leonardo y Walter Benjamin. Buenos Aires: Aidos editores, 2008.

_____. La belleza “gótica” y otros estudios visuales. Buenos Aires, Argentina: Aidos Editores, 2010.

MARCUSE, Herbert. El arte como forma de la realidad. Texto postado na web em 12/02/04, original de março de 1972.

_____. A Dimensão Estética. São Paulo: Martin Fontes, 1977.

NAPOLITANO, Marcos. Como usar o cinema em sala de aula. São Paulo: Contexto, 2005.

OLIVEIRA, K. A. S. Possibilidades da experiência estética na educação da infância: uma proposta com leitura de imagens. Curitiba: Appris, 2014.

RANCIÈRE, Jacques. O espectador emancipado. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

TIBURI, Márcia. Crítica da razão e mimesis no pensamento de Theodor W. Adorno. Porto Alegre: Editora edipucrs, 1995.

TRUFFAUT, François. O prazer dos olhos: textos sobre o cinema. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

VANOYE, Francis e GOLIOT-LÉTÉ, Anne. Ensaio sobre a análise fílmica. Campinas, SP: Papyrus, 1994.

XAVIER, Ismail. O discurso cinematográfico: a opacidade e a transparência. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

1.5 Anexos

Nome	Tipo
anexo_5___carga_horaria.doc	Anexo 5 SR - Pesquisa

2. Equipe de Execução

2.1 Membros da Equipe de Execução

Docentes da UEMS

Nome	Regime - Contrato	Instituição	CH Total	Funções
Christiane Guimaraes de Araújo	40 horas	UEMS	0 hrs	Pesquisador(a)
Keyla Andrea Santiago Oliveira	40 horas	UEMS	0 hrs	Coordenador(a), Gestor
Lucilene Soares da Costa	Tempo Integral	UEMS	0 hrs	Pesquisador(a)
Volmir Cardoso Pereira	Tempo Integral	UEMS	0 hrs	Pesquisador(a)

Discentes da UEMS

Nome	Curso	Instituição	Carga	Funções
Graciela Mendes Nogueira Targino	Profeduc - Mestrado Profissional Em Educação	UEMS	0 hrs	Pesquisador(a)
Pietra da Costa Silva	Artes Cênicas	UEMS	0 hrs	Pesquisador(a)

Técnico-administrativo da UEMS

Não existem Técnicos na sua atividade

Outros membros externos a UEMS

Não existem Membros externos na sua atividade

Coordenador:

Nome: Keyla Andrea Santiago Oliveira

RGA:

CPF: 84130547100

Email: keylaandrea@yahoo.com.br

Categoria: Professor Adjunto

Fone/Contato: 6733269530 / 6782070860

_____, 12/08/2019
Local

Keyla Andrea Santiago Oliveira
Coordenador(a) da Proposta de Pesquisa

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

Parecer do Coordenador de Curso

Parecer do Gerente da Unidade